

*Eixo Temático 36 – Violências de Gênero e o Neoconservadorismo: A
pesquisa como modo de resistência*

**Mulheres negras e Violência: Escrivências em território marcado
pelos altos índices de denúncias de crimes contra pretas e pardas no
município de Novo Hamburgo**

Diênifer Monique da Conceição ¹
André Luiz do Santos Silva ²
Ariane Côrrea Pacheco ³

RESUMO

Esse trabalho está vinculado à pesquisa Violência de Gênero e Educação Escolarizada, o qual analisa os modos como as relações de gênero se estabelecem em regiões de altos índices de violência contra mulheres em Novo Hamburgo. Ao analisarmos as ocorrências registradas na DEAM do município, nos anos de 2018 e 2019, percebemos uma disparidade nas denúncias de crimes que afetam os corpos das mulheres negras e os crimes de estupro de vulnerável e feminicídio cometidos contra pessoas pretas e pardas. Assim, buscamos compreender como mulheres negras que residem nessa região compreendem a representação de seus corpos, constituem suas redes de relações e o que entendem como violência com caráter de denúncia. A percepção sobre os corpos, a construção de redes de relações, os pertencimentos ao longo das trajetórias naturalizam a violência, assim como naturalizam a responsabilidade de cuidado direcionado ‘somente’ ao outro, compreendido como vulnerável.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Racismo. Violência. Escrivência.

¹ Graduada do Curso de Educação Física da Universidade Feevale - RS, djeny.monique@hotmail.com;

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande dos Sul - RS, andreis@ufrgs.br;

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, arianepacheco@feevale.br;

INTRODUÇÃO

Esse trabalho faz parte do projeto de pesquisa Violência de Gênero e Educação Escolarizada, o qual analisa os modos como as relações de gênero se estabelecem na dinâmica de escolas situadas em regiões de altos índices de violência contra mulheres em Novo Hamburgo. No primeiro movimento desse estudo, foi produzido um banco de dados com os endereços das ocorrências registradas na Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher de Novo Hamburgo (DEAM) sobre os crimes de lesão corporal, estupro, estupro de vulnerável e feminicídio. Através desses dados foi possível produzir um mapa de calor, que indicava o ponto crítico de violência contra a mulher no município, em um primeiro momento, especificamente nos anos de 2016 e 2017.

Entretanto, faltava uma parte de mim⁴ que não se explicava no mapa e trabalhos até então produzidos, nem nas discussões provocadas. Quando indagada sobre qual tema de pesquisa eu trabalharia, no mesmo instante olhei para dentro de mim e vi lacunas que dependeriam da minha iniciativa para serem preenchidas. Decidi trabalhar sobre Violência contra Mulheres Negras em um município que a população negra é silenciada e há a uma ideia de protagonismo marcado pela imigração alemã. Assim, entendemos que seria necessária uma atualização no mapa de calor e o eixo étnico-racial deveria ser acrescentado na produção dos dados. Mediante isso, foi realizada uma nova produção de informações na DEAM, contemplando os endereços das ocorrências, as tipificações de crimes cometidos contra mulheres e identificando a autodeclaração cor/raça das vítimas.

Em análise dos dados, identificamos uma disparidade nos crimes que afetam os corpos de mulheres negras (lesão e estupro), os quais apresentam uma média de 7,9% das denúncias, em relação aos que afetam os vulneráveis e ao feminicídio (tentado/consumado), média de 18,33% das denúncias. Este trabalho se posiciona a partir

⁴ O texto será escrito em primeira pessoa, primeiramente, pois fazem parte das experiências da primeira autora. Um recurso que ora tenta marcar as particularidades das minhas memórias e percepções, ora enfatiza uma noção de coletividade partilhada por um grupo de mulheres que vivem na comunidade, em que o lugar em que me encontro fornece pistas para pensarmos a produção desta fala/investigação. O segundo autor e a terceira autora fazem parte do processo de construção das análises, orientação e produção coletiva do conhecimento.

dessa análise e vai em busca de compreender como essas mulheres negras, que residem em uma região de alto índice de violência em Novo Hamburgo, compreendem a representação de seus corpos, constituem suas redes de relações e o que entendem como violência com caráter de denúncia. Considerando as discussões apresentadas, essa pesquisa possui a seguinte questão como mobilizadora do estudo: entender como a construção das subjetividades de mulheres negras no município de Novo Hamburgo pode estar relacionada com a dissonância entre as denúncias de lesão corporal e estupro em relação a feminicídio e estupro de vulneráveis?

Destaco que serão utilizados apenas autores e autoras negras como referências desta pesquisa, estou me posicionando na contramão do processo histórico de negação da intelectualidade negra e propondo esse olhar de dentro.

Cabe pincelar a subjetividade do município de Novo Hamburgo, no qual essa pesquisa se insere. Autores retratavam uma escrita de benevolência, em que os escritores descendentes de imigrantes pintavam uma imagem deslumbrante de Novo Hamburgo, afirmando que a escravidão não tinha sido tão cruel. No entanto, são encontrados preconceitos explícitos de superioridade racial dos alemães em autores locais, assim como uma forte segregação no município, além das condições difíceis que as comunidades negras de Novo Hamburgo enfrentavam de forma isolada (SOUZA, 2011).

Em conjunto as invisibilidades e opressões materializadas no município de Novo Hamburgo, o discurso clássico de opressão contra a mulher tem falhado no que tange às experiências históricas das mulheres negras, não reconhecendo, como também não percebendo, ou negando, a proporção quantitativa que o efeito das opressões acometidas a essa subjetividade feminina racializada (CARNEIRO, 2003). Ribeiro (2019) elucida esse ponto no discurso de Soujourner Truth: “E eu não sou uma mulher?”, essa fala traz à tona as disparidades não somente no trato social, mas também colocaria em questão a universalização da categoria mulher. Nesse viés de invisibilização das pautas das mulheres negras, Carneiro (2003) contribui mostrando que mulheres negras, majoritariamente, nunca foram tratadas como frágeis, esse mito de fragilidade feminina nunca chegou até seus corpos. A autora complementa que nós, mulheres negras, pertencemos a um conjunto de mulheres que trabalharam séculos nas lavouras, como escravizadas, como vendedoras nas ruas, quituteiras, prostitutas, assim como, mucamas para as sinhazinhas. Sueli Carneiro (2003) ainda salienta a perplexidade que mulheres

negras tiveram quando feministas expressaram que as mulheres, atentar aqui para a universalidade da mulher, tinham que tomar as ruas e trabalhar – se tivessem olhado para as nossas histórias, perceberiam que nós sempre trabalhamos.

Estereótipos, construídos e carregados para/por mulheres negras, sendo vistas como fáceis, que não merecem respeito e lascivas, contribuem, segundo Ribeiro (2018), com essa cultura de violência que acomete mulheres negras. Mas de que mulheres negras estamos falando? Carneiro (2003) de uma forma simples e profunda explica que mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que tem sua identidade relacionada a um objeto, mulheres que são retratadas como antimusas da sociedade, mulheres que até pouco tempo atrás tinham as barreiras da ‘boa aparência’ em anúncios de emprego, não que isso tenha mudado, mas adquirido novas formas de exclusão não anunciadas/explicitas (CARNEIRO, 2003).

Nesse campo de discussões, ainda podemos considerar que as subjetividades das mulheres negras também são atravessadas por uma cultura violada, exotizadas ou folclorizadas, marginalizada, definida como coisa primitiva, do diabo (estranho/inexistente à nossa cultura). Não devemos esquecer dessa mulher negra na esfera de mãe! A violência policial, tal como, práticas genocidas contra a população negra, geram extermínio de crianças e jovens negros (CARNEIRO, 2003).

Considerando que o processo de formação das subjetividades está entrelaçado com a história e com as violências, vividas e sentidas, por mulheres negras, o olhar dessa pesquisa foi direcionado para a trajetória de vida de três mulheres que residem em uma região com alto índice de denúncias de crimes contra mulheres pretas e pardas no município de Novo Hamburgo.

METODOLOGIA

O estudo, primeiramente, parte de uma pesquisa quantitativa, realizada mediante a produção de dados na DEAM do município de Novo Hamburgo. Foi nesse processo que se produziram mapas de calor, identificando os pontos críticos de incidência de denúncias de crimes contra mulheres pretas e pardas e mapas específicos para as tipificações de lesão corporal, estupro, estupro de vulneráveis.

A constituição dos mapas foi fundamental para a identificação da localização que a pesquisa se inseriu. Além disso, a partir da síntese dos mapas entendi que a região em que esta pesquisa se insere é a mesma em que cresci e me encontro como moradora.

Antes de continuar, cabe destacar que essa pesquisa não mencionará o nome da região, tendo em vista que não tem a pretensão de acrescentar mais estereótipos negativos, os quais assombram desde seu surgimento. Em outro texto, Conceição e Silva (2021), falo sobre essa noção de coletividade compartilhada com as interlocutoras. Esse processo permite que eu acesse minhas memórias para contar a historicidade, subjetividades e contexto da região pesquisada, mediante a ausência de documentos que os contêm. Cabe mencionar que sou moradora desde o surgimento desse assentamento e que vivi juntamente com outros moradores todas as fases desse percurso habitacional.

No que se refere à especificidade da caracterização dessa pesquisa, posso dizer que consiste numa abordagem metodológica Preta, Subjetiva e Periférica. Opto por não definir como um ‘estudo qualitativo’, pois parto da negação de uma simbologia produzida historicamente no universo acadêmico e que tende a transformar em ‘objeto’ de pesquisa as interlocutoras, corpos pretos e femininos.

Nesta pesquisa, as mulheres negras não serão entendidas como sujeitos de pesquisa, te convido a enxergá-las como interlocutoras de suas subjetividades. As interlocutoras da pesquisa foram três mulheres, todas vinculadas à comunidade.

Como caminho metodológico utilizo os conceitos de lugar de fala (RIBEIRO, 2017), Oralidade (ZUNTHOR; 1997) e Escrivivência (EVARISTO, 2007). Tendo em vista a minha posição como pesquisadora e também interlocutora, por ser moradora da comunidade pesquisada e mulher negra que convoca outras mulheres negras ao exercício da fala, conto as trajetórias de mulher negras com subjetividades partilhadas e que trazem sua ancestralidade negra, não somente em suas vozes, mas também nas expressões de seus corpos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises da conversa foram abordadas a partir das histórias das interlocutoras. Para a compreensão dessa análise foi preciso montar um desenho em que os eixos se interseccionam da seguinte maneira: como base abrangente temos as ‘Redes de relações’

e sobreposta a essa temos os eixos: 1) Corpos e suas representações; 2) Pertencimentos e territorialidades e 3) Violência. Para compreender as violências e suas percepções, sentidas e vividas por corpos de mulheres negras hamburguenses, será preciso entender que a fusão de todos esses eixos será necessária e dará pistas à análise na medida que está entendido que a mulher negra não é somente mulher, mas também preta e periférica. A base ‘Rede de Relações’ é interpretada nesta análise como um grande ‘guarda-chuva’, responsável e fundamental para a construção de qualquer sujeito, não são determinantes nas subjetividades, mas seus resquícios podem se tornar intrínsecos inconscientemente. Se tratando de mulheres negras, não há a possibilidade de olhar por uma lente somente. Será preciso sobrepor lentes para uma aguçada análise, interseccionar os eixos (CRENSHAW, 2004).

Desde muito pequenas, os códigos e normativas sociais racistas nos lembram nosso sub-lugar representativo. A escola, como rede de relação, faz um papel fundamental para o mecanismo racista, violento, é neste espaço que recebemos explicitamente ofensas que nos fazem entender nosso lugar subalterno, mediante a isso, os colegas e professores se sentem autorizados a ofensas e tratamento ífero. Porém, mais próximo a nós nossas relações familiares também podem ocupar um posto violento em nossas construções subjetivas.

A falta de conhecimento de nossa história contribui para uma territorialização acidentada pelo racismo e morte representativa das comunidades negras, isso também nos dá pistas para entender a construções de mulheres negras hamburguenses. E em específico, uma comunidade marcada por dogmas religiosos que demonizam a cultura preta. Nem na marginalização podemos respirar!

Em uma territorialidade marginalizada e que apaga contribuições pretas, há mulheres negras construídas na inferiorização de seus corpos, e mantemo-nos fortes, camuflamos nossas dores, marcadas pelas tentativas de abusos, pelo amor que não nos pertence e a fusão dos nossos corpos à subserviência. Conseguimos identificar violências que acometem mulheres frequentemente midiaticizadas, física, psíquica, verbal etc., porém, não, nenhuma de nós falou em violência racial, não identificamos esse mecanismo como violência sentida por nós. Nossas construções tiveram que superar tanto que acabamos normatizando esse sofrimento em nós mesmas. Fortes incansavelmente, estigmas que temos que arduamente carregar. Quem se importa conosco? Desde muito cedo temos que

aprender a lidar sozinhas com a violência, note que não falei contra, criamos estratégias para suportar, na medida em que entendemos que nossos corpos não representam o belo. Temos o sentimento de gestoras de nossa comunidade, gestar trajetórias de semelhantes, cuidar como guardiãs dos nossos, evitar que aconteça com eles os atravessamentos que chagaram até nós. Aprendemos nas nossas construções subjetivas a suportar tudo, pois nossas fortalezas devem ser as mais fortes e, ao mesmo tempo, nos responsabilizamos o tempo todo ao cuidado. Nesse processo da pesquisa de analisar as histórias de vida e a consolidação de uma ‘dinâmica do cuidado’ em nossas subjetividades, encontramos uma pista para compreender dissonâncias entre as denúncias de crimes cometidos contra vulneráveis e feminicídios e os registros de lesão corporal contra mulheres pretas e pardas registrados na DEAM do município de Novo Hamburgo. A percepção sobre os corpos, a construção de redes de relações, os pertencimentos ao longo das trajetórias naturalizam a violência, assim como naturalizam a responsabilidade de cuidado direcionado ‘somente’ ao outro, compreendido como vulnerável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres negras tem seus corpos atravessados por várias sobreposições e não se faz justiça em apontar somente para violências que ferem a um imaginário de mulher universal, isso somente colabora para o silenciamento e política de morte que autoriza o extermínio de nossos corpos, cultura e cosmovisões de mundo. A intersecção ligada a vetores trazidos por problematizações pretas, potencializa a discussão numa tentativa de englobar subjetividades dessas mulheres negras e buscar uma sintetização preta, periférica e potente para a compreensão e análise das violências que são sentidas e vividas cotidianamente.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

CONCEIÇÃO, Diênifer Monique; SILVA, André Luiz dos Santos. Igreja e domicílio: espaços de lazer de mães residentes numa comunidade de alto índice de violência contra mulheres In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DOS LAZER; XVIII SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2021, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: PUC, ESEFID/UFRGS, 2021, p. 556 - 560. Disponível em: <https://anpel.com.br/download/cbel-IV-anais.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Cruzamento: raça e gênero, Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?. Editora Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Leira Salete Teixeira de. Preconceitos na História de Novo Hamburgo - Uma avaliação crítica da bibliografia existente. Blogspots. 2011. Acesso em <http://leirasalete.blogspot.com/2011/01/preconceitos-na-historia-de-novo.html>.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec/Educ. 1997. 66p.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

